

**Arquivo  
quer público**

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**



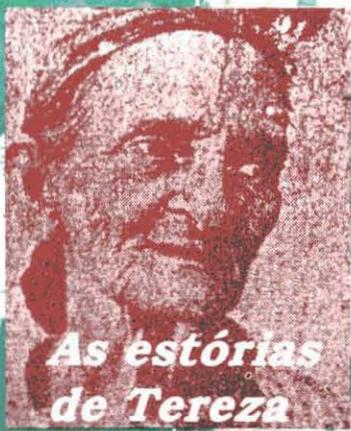
**Belém é  
saudade**



**O mundo  
e os  
fins de  
Cardoso**



**Os  
versos  
de  
Quintina**



**As histórias  
de Tereza**



**Samba  
malandro**

# Reviver Formosa



## D. Quintina dos versos

*Nas feiras do Nordeste eles cantam e encantam multidões. São os cantadores, repentistas que só falam e cantam em versos bem rimados ao som das violas. É uma profissão quase que exclusivamente de homens. Mas em Paracatu (MG), uma velhinha, preta, de noventa e um anos, D. Quintina, é boa de versos. Sem saber ler e escrever, se inspira nas coisas simples e só conversa versejando.*

Um dia, conversando com a Ernestina, ela me falou com muito entusiasmo de Dona Quintina. Logo fiquei interessado, pois, pela descrição que ela me fizera, para mim era algo inesperado. Mesmo tendo meu pai, também nonagenário, em plena atividade e independente em suas ações diárias, olhe, minha gente, fiquei embasbacado quando conheci essa doce velhinha, tão jovem e espirituosa, transmitindo alegria de viver e nos envolvendo com sua veia poética. Estava diante de uma pessoa que sabia usar as mãos com mestria.

Dona Quintina fez-me pensar na importância das mãos. Dessa parte do corpo que promove o homem, elevando-o ao plano superior. Antes de saber falar e de saber pensar, certamente aprendeu

### □ Oliveira Mello

a fazer. O *homo faber* é anterior a todos os estádios da evolução cultural.

Também senti a importância do trabalho da Ernestina, preocupada em valorizar o ser humano pelo que ele produz, fazendo-o se sentir útil e, ao mesmo tempo, mostrando a importância do artesão na cultu-

ra. E ela tem encontrado muita gente hábil, como Dona Quintina, Manoel, Anísio Tarcísio, Eleusa e tantos outros. Pessoas cujas mãos externam, através de sua obra, a beleza que lhes vai n'alma.

Ao chegarmos à casa de Dona Quintina Alves Santana, fomos recebidos



MIQUÉIAS PAZ  
(PC do B)

*Somente podemos oferecer à sociedade, hoje, o que nos proporciona o passado que praticamos. E é através*

*desta memória que poderemos sempre compreender, da maneira mais ampla possível, a atualidade.*

*Brasília, com 36 anos, ainda constrói a sua história e a memória cultural está sendo criada agora. Resgatá-la, portanto, é praticá-la. Nós somos a memória cultural da cidade. Seremos lembrados no futuro pelo que fizemos hoje.*

ter evangélico.

Neste ambiente simples e acolhedor, dentro de sua rusticidade, surge a figura de Dona Quintina, combalida pelos passos cansados, mas vitalizada pelo seu espírito de mulher forte. Uma velha de espírito novo, cujos 91 anos não lhe tolhem a verve. Depois dos cumprimentos, curiosamente lhe perguntei se era crente. A resposta me surpreende mais ainda:

*Sou de todas as religiões,  
Num maltrato nenhuma.  
Ganhei a Bíblia,  
Mas num posso lê.  
Sou muito preta  
E num desfaço das letra.*

Estávamos diante de um espírito de fé ecumênica. De uma pessoa, pelo jeito, analfabeta de escola, mas repleta de ciência da vida.

- Dona Quintina, a senhora não pode ler é por causa da idade?

*Eu num sei lê,  
Mas sei pingá o i  
E cortá o tê.  
Sei mais ainda:  
Sei trabaia  
Pra podê vivê.*

A sabedoria de Dona Quintina foi crescendo diante de nós. Aquele corpo maltratado pelos anos, na negritude de sua pele, coberta por um vestido azul, estampado de bolinha branca, em modelo sim-

ples, nos contou que nasceu no Córrego do Meio, fazenda do Porrete, em 31 de outubro de 1904. A fazenda era propriedade de Quintiliano Ferreira de Souza, pai de sua mãe Balbina, que foi casada com Joaquim Alves Santana. E com sua mãe aprendeu vários ofícios artesanais: poteira, urdideira, trançadeira de chapéu de palha de coco ou de palha de milho e confeccionadora de pequenos cestos de capim. Na sua idade prolecta continua trançando os cestos de capim e justifica, ao mostrar o seu trabalho:

*Tô sentino de eu num sabê  
Nada, nada disso aí.  
Fico, aí, emprestada aí.  
Eu num posso ficá dormino  
Eu quero acordada ficá,  
Eu quero é trabaia.*

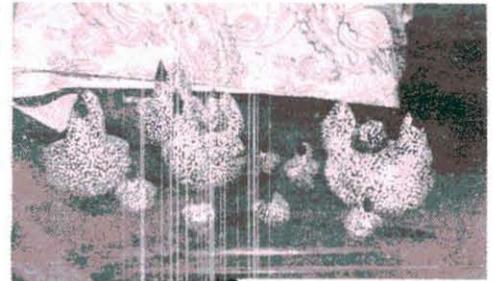
Dona Quintina nos conta ainda que foi casada com Miguel das Neves Martins, com quem teve 9 filhos, sendo 2 mortos. Mudou-se para a cida-

Quis, assim, Dona Quintina nos afirmar de que muito depende da filha Caçulinha, em cuja companhia mora e a quem é submissa, como resignadamente confirma:

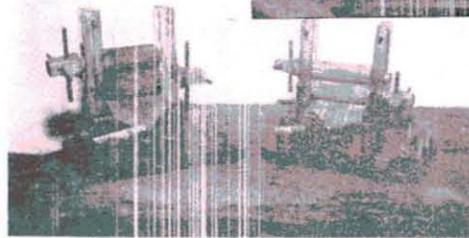
*Minha filha Caçulinha  
Quem me chama atenção,  
Quem raia comigo.  
E eu atendo todo mundo.*

Dona Quintina é uma pessoa realista, autêntica e madura. A caduquice não a atingiu. Muito espirituosa, humilde, sempre, em tudo, vê a bondade de Deus, até na sua permanência no mundo:

*Tô aqui porque cheguei.  
Num trouxe dinheiro porque  
gastei.  
O Filho de Deus toma conta  
Dessa pobre boba que tá*



**Paracatu tem um artesanato rico e diversificado**



de já com muita idade e, com seu sorriso infantil, argumenta:

*A pulga morde,  
O coro coça.  
Eu quero a cidade,  
Mas num dispenso a roça,  
pois só depois que cabá  
araticum  
Sai mais um.*

Ao ser elogiada a sua capacidade de comunicar, humildemente responde:

*Maltratá meus irmãos,  
Eu num quero sabê.  
O povo fala que tô errada,  
Eu num sei o que faço,  
Bagaço num vira cana  
E cana num vira bagaço.  
Meus irmãos, me desculpe,  
Eu num tenho cavalo,  
Mas ando na garupa.*

*No mundo por amor de Deus.*

Depois de tudo isso, demonstrou sua total aceitação à vontade de Deus:

*Eis-me aqui, meu Pai,  
A empregada do Sinhô.  
Faça de mim instrumento,  
Conforme a Vossa vontade.*

Aí está o retrato de Dona Quintina, a quem homenageamos e, na sua pessoa, a todos os artesãos paracatuenses. O seu retrato, como todos puderam ver, foi feito por ela mesma, a artesã quase centenária que vem costurando a cultura regional e construindo a nossa história, em tão feliz momento descoberta por Ernestina.

por duas crianças, bem curiosas.

Ernestina e eu já estávamos na sala, sentados, esperando a presença de Dona Quintina. Na parede uma quantidade de retratos com fotos coloridas do casal, de muitos dos filhos. Ainda um quadro com ilustração religiosa de cará-



**BENÍCIO TAVARES**  
(PMDB)

*O cinturão de cidades que cerca Brasília sempre mereceu, nos discursos e debates, a desconfortável posição de vilão. São*

*aglomerados que surgem como uma ameaça às linhas cartesianas idealizadas na prancheta de gênios, que se constituíram no único patrimônio mundial erguido neste século. A história do barroco goiano, da ocupação do Centro-Oeste, das rotas de exploração do ouro, retratadas em algumas dessas cidades, estão à mercê de um adensamento motivado pela capital da República. Corre-se o risco de se perder tais referências.*